

Impacto da pandemia da Covid-19 nas práticas de automedicação: um estudo descritivo com professores da rede pública de Pernambuco

Impact of the Covid-19 pandemic on self-medication practices: a descriptive study with teachers from the public network of Pernambuco

Impacto de la pandemia de Covid-19 en las prácticas de automedicación: un estudio descriptivo con docentes de la red pública de Pernambuco

Deisielly Keila Barboza Alves¹, Elba Daniela Silva Barbosa¹, Mônica Maria Henrique dos Santos¹, Aline Dayse da Silva¹, Ítala Morgânia Farias da Nóbrega¹, Flávia Patrícia Morais de Medeiros¹, Dalmir Cavalcanti dos Santos¹, Maria Nelly Sobreira de Carvalho Barreto^{1,2}.

RESUMO

Objetivo: Investigar as práticas de automedicação durante a pandemia da Covid-19 entre professores da rede pública de ensino de uma cidade da região metropolitana de Recife-PE, assim como, discutir a respeito dos seus riscos para a saúde. **Métodos:** Estudo transversal, descritivo, quantitativo, realizado com professores, da Rede Municipal de Ensino, através de um questionário *online*. Os dados foram analisados aplicando-se porcentagem simples pelo programa Microsoft Excel e apresentado em tabelas e gráficos. **Resultados:** Dos 109 professores, vinculados a 53 das 104 escolas, 95,41%, afirmaram compreender o termo automedicação e 88,07% usavam ou já tinham utilizado algum medicamento por conta própria. Os principais motivos destacados foram: dores, no geral, e gripe ou alergias. Mais de 65% referiram que as informações transmitidas pela mídia, contribuíram para o uso de medicamentos. A maioria relatou possuir comorbidades e 31,19% afirmaram ter tomado algum medicamento para a Covid-19. Dentre eles a azitromicina se destacou em relação a automedicação. **Conclusão:** Os resultados encontrados demonstraram o impacto da automedicação, disseminada entre a população, nesse caso, representada pelos professores. Estudos dessa natureza são relevantes, especialmente em crises sanitárias como a pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Automedicação, COVID-19, Professores escolares, Mídias sociais.

ABSTRACT

Objective: To investigate self-medication practices during the Covid-19 pandemic among public school teachers in a city in the metropolitan region of Recife-PE, as well as to discuss their health risks. **Methods:** Cross-sectional, descriptive, quantitative study, carried out with teachers from the Municipal Education Network, through an online questionnaire. The data were analyzed by applying a simple percentage using the Microsoft Excel program and presented in tables and graphs. **Results:** Of the 109 teachers, linked to 53 of the 104 schools, 95.41% said they understood the term self-medication and 88.07% used or had already used some medication on their own. The main reasons highlighted were: pain, in general, and flu or allergies. More than 65% reported that the information transmitted by the media contributed to the use of medicines. Most reported having comorbidities and 31.19% said they had taken some medication for Covid-19. Among them, azithromycin stood out in relation to self-medication. **Conclusion:** The results found demonstrated the impact of self-medication, disseminated among the population, in this case, represented by teachers. Studies of this nature are relevant, especially in health crises such as the Covid-19 pandemic.

Key words: Self-medication, COVID-19, School teachers, Social media.

RESUMEN

Objetivo: Investigar las prácticas de automedicación durante la pandemia de Covid-19 entre profesores de escuelas públicas de una ciudad del interior del estado de Pernambuco, así como discutir sus riesgos para la

¹ Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife – PE.

² Prefeitura do Recife, Recife – PE.

salud. **Métodos:** Estudio transversal, descriptivo, cuantitativo, realizado con docentes de la Red Municipal de Educación, a través de un cuestionario en línea. Los datos fueron analizados mediante la aplicación de un porcentaje simple utilizando el programa Microsoft Excel y presentados en tablas y gráficos. **Resultados:** De los 109 docentes, vinculados a 53 de las 104 escuelas, el 95,41% dijo entender el término automedicación y el 88,07% usaba o ya había usado algún medicamento por su cuenta. Los principales motivos destacados fueron: dolor, en general, y gripe o alergias. Más del 65% informó que la información transmitida por los medios de comunicación contribuyó al uso de medicamentos. La mayoría reportó tener comorbilidades y el 31,19% dijo haber tomado algún medicamento para el Covid-19. Entre ellos, se destacó la azitromicina en relación con la automedicación. **Conclusión:** Los resultados encontrados demostraron el impacto de la automedicación, difundida entre la población, en este caso, representada por los docentes. Estudios de esta naturaleza son relevantes, especialmente en crisis sanitarias como la pandemia de la Covid-19.

Palabras clave: Automedicación, COVID-19, Profesores de escuela, Redes sociales.

INTRODUÇÃO

A Covid-19 (uma sigla que vem do inglês, *Coronavirus Disease* do ano 2019) é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, agente etiológico da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), que apresenta um espectro clínico, variando de infecções assintomáticas a quadros graves e se destacou, mundialmente, por ser responsável por uma das mais abrangentes pandemias da história (BRASIL, 2022; WHO, 2020).

Para conter a disseminação do SARS-CoV-2 foi necessária a adoção de várias medidas entre elas, o isolamento e o distanciamento social que levou a crescente dependência da comunicação *online*, inclusive nas escolas, por professores e estudantes. Nesse contexto, destaca-se o uso intenso das mídias sociais que favoreceram a disseminação das *fake news*, ocasionando temor pela doença, além de multiplicar rapidamente informações falsas sobre medicamentos promissores para a prevenção e/ou tratamento da Covid-19, induzindo a automedicação. (BRASIL, 2022; MELO JRR, et al., 2021; RUIZ JMG; SOUZA EF e PAIVA MJM, 2021; SOUZA AF, et al., 2021; SILVA CYAB, et al., 2020).

Diante do cenário de uma crise pandêmica, estudos constataram a intensificação da comercialização e o uso de medicamentos, conseqüentemente, um aumento no preço de alguns, especialmente, os que foram veiculados na mídia, como opções terapêuticas para tratamento e/ou prevenção da Covid-19. Este fato chamou a atenção, pois num período marcado por uma crise em que houve retração do consumo de alguns produtos considerados não essenciais, constatou-se aumento das vendas de alguns medicamentos, conforme demonstrou o levantamento realizado nos três primeiros meses de 2020 pela consultoria do Instituto de Pesquisa e Pós-graduação para o Mercado Farmacêutico (IQVIA), em relação ao mesmo período de 2019 (RUIZ JMG, et al., 2021; PAIVA AM, et al., 2020; CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2020).

Apesar dos diversos estudos realizados, ainda não foram identificados medicamentos eficazes para cura ou contenção dos sintomas da doença (SILVA AF, et al., 2021). As informações sobre as taxas de mortalidade, potencial de propagação, tratamento ou quais são as conseqüências causadas no organismo dos que foram infectados, ainda são preliminares (NEGRI F, et al., 2020). Em contrapartida, os órgãos de saúde têm demandado um grande esforço nas atividades de comunicação/educação com a sociedade no combate a desinformação, enfatizando os riscos relacionados ao uso irracional dos medicamentos e os impactos no bem-estar da população (XAVIER F, et al., 2020).

Mesmo assim, durante a pandemia do novo coronavírus, a população tem se automedicado com o objetivo de prevenir, tratar ou aliviar sintomas como: febre, tosse, coriza, dores musculares, dores de cabeça e dores de garganta, que se assemelham com os sintomas da doença da Covid-19 (SILVA AF, et al., 2021). Todavia, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), mesmo com o avanço de muitas pesquisas, não existem evidências que comprovem ter algum medicamento específico para tratar a Covid-19 e que também possa ser usado como método profilático (HERMES FS, et al., 2021).

A incidência da automedicação entre os jovens e estudantes de formação superior vem se ampliando, em diversas faixas etárias e gênero, estando incluso toda a população e pode ser influenciada pelo curso de

formação escolhido por cada indivíduo (FERNANDES FR, et al., 2020; DELFINO NH, et al., 2018). Na área da educação, o consumo de medicamentos por esses profissionais pode estar relacionado à ocupação, pois há uma importante relação entre a saúde dos professores e suas condições de vida e de trabalho (DELFINO NH, et al., 2018).

Considerando a importância da educação no desenvolvimento da nação e os problemas físicos e mentais decorrentes da pandemia, é fundamental valorizar a saúde do professor. Portanto, é necessário conhecer suas condições de saúde, suas principais causas de adoecimento e as situações que os levam à prática da automedicação, especialmente diante deste cenário pandêmico (SILVA NSS, et al., 2017).

Deste modo, o objetivo deste estudo foi investigar as práticas de automedicação durante a pandemia da Covid-19 entre professores da rede pública de ensino em uma cidade da região metropolitana de Recife-Pernambuco, identificando a influência da mídia nesse processo.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa, realizado com professores do ensino fundamental distribuídos nas escolas da Rede Municipal de Ensino na zona urbana de um município da região metropolitana de Recife-Pernambuco. Esse município está localizado na zona sul do estado, tem uma população de 208.944 mil habitantes, estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) médio entre as escolas públicas era, no ano de 2019, de 4,5%; valor abaixo ao das escolas municipais e estaduais de todo o Brasil, que é de 5,4%.

Todos os professores das escolas participantes foram convidados a responder a pesquisa. O critério de inclusão foi estarem em exercício da função docente, vinculados à rede pública de ensino, há pelo menos um ano e regularmente associados ao sindicato local, ativos e aposentados e que concordaram em participar. Foram excluídos os professores não sindicalizados, os que não quiseram participar da entrevista, os que estavam de licença ou àqueles que, por qualquer outro motivo, como os impossibilitados de responder o questionário, não puderam participar no período de coleta de dados.

De acordo com os critérios acima definidos e considerando uma amostra, por conveniência, dos professores que responderam ao questionário no período de coleta, que foi de março de 2021 a maio de 2021. Para alcançar os objetivos do estudo elaborou-se um questionário para preenchimento on-line considerando as variáveis: perfil socioeconômicas e demográficas, clínicas, relacionadas a Covid 19 e ao uso de medicamentos em decorrência da Covid-19.

No período de coleta, foi encaminhado, via *WhatsApp*, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após devolutiva, foi enviado um *link* gerado pela plataforma *Lime Survey*, que foi acessado pelos professores que aceitaram participar da pesquisa. Os contatos dos professores foram obtidos através do SINPC, instituição participante da pesquisa.

Após a obtenção dos dados, os resultados foram armazenados no banco Microsoft Office Excel. As variáveis quantitativas foram apresentadas por meio de cálculo percentual e as variáveis qualitativas por meio de frequências absolutas e relativas. Todas as respostas foram consideradas, inclusive as incompletas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde, com parecer de nº 4.546.564 e CAAE 42812921.8.0000.5569. De acordo com os preceitos da Resolução do CNS 466/12, os participantes assinaram o TCLE e foi mantido o anonimato dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 109 professores de ensino infantil e fundamental vinculados a 53 das 104 escolas públicas da rede municipal, que aceitaram participar da pesquisa, poucos não responderam todas as perguntas.

De acordo com a **Tabela 1**, a idade média dos que responderam ao questionário foi de $47,3 \pm 8,69$ anos, com predomínio do sexo feminino (89,91%), corroborando com os achados de Silva NSS, et al. (2017) com

professores da rede pública, quanto a idade e prevalência das mulheres. No presente estudo não foi possível inferir se o motivo da maior participação das mulheres está relacionado por ser o sexo predominante nas escolas estudadas ou pela sua maior atenção em participar desse tipo de pesquisa.

Tabela 1 - Características socioeconômicas e demográficas dos professores.

Variável	n	%
Idade (média ± desvio-padrão)		47,3 ± 8,69
Sexo		
Feminino	98	89,91
Masculino	11	10,09
Renda mensal (em Salário Mínimo)		
Até 1 salário-mínimo	6	5,50
Até 2 salário-mínimo	19	17,43
Mais de 2 salário-mínimo	84	77,06
Pós-graduação		
Sim	86	78,90
Não	23	21,10
Total	109	100,00

Fonte: Alves DKB, et al., 2022.

Um estudo realizado por Fernandes FR, et al. (2020) constatou que as mulheres têm maior autocuidado com a saúde do que os homens, considerando diversos fatores socioculturais e por estarem mais expostas a utilização de medicamentos em todas as fases da vida devido suas necessidades fisiológicas.

O percentual superior a 70% que recebe mais de dois salários mínimos, coincide com o percentual dos que informaram ter pós-graduação, demonstrando a importância do investimento em pós-graduação para uma ascensão profissional e, conseqüentemente, para qualificação do ensino nas instituições públicas. Constatou-se, também, que o tempo médio da docência foi de 19,45 ± 9,4 anos.

Quanto aos hábitos de vida e situações clínicas, descritas na **Tabela 2**, mais de 90% não são fumantes. Esse é um achado muito positivo desse estudo, pois apenas 1,83% dos participantes afirmaram uso de cigarro, que é um fator de risco para diversas doenças.

Tabela 2 - Análise dos hábitos de vida, incluindo Covid-19, e outras situações vivenciadas, durante a pandemia.

Variável	n	%
Hábitos/ Tabagismo		
Sim	2	1,83
Não	107	98,17
Possui Plano de Saúde		
Sim	65	59,63
Não	44	40,37
Teve Coronavírus		
Sim	25	22,94
Não	84	77,06
Caso teve Coronavírus. Fez consulta?		
Sim	16	64,00
Não	9	36,00
Foi prescrito medicamento:		
Sim	11	68,75
Não	5	31,25

Fonte: Alves DKB, et al., 2022.

Salientando o atual período de pandemia pela Covid-19, uma metanálise, publicada mais recentemente, destacou que o tabagismo é um fator de risco para o prognóstico da Covid-19, não apenas pelo aumento das

chances de um fumante desenvolver quadros mais graves da doença, como também, pelo fato do tabagismo estar associado a outros tipos de doenças como bronquiolite respiratória (geralmente, assintomática), com diversos tipos de pneumonias, além da bronquite crônica, enfisema pulmonar, tuberculose e câncer de pulmão, promovendo o declínio da função pulmonar (SILVA ALO, et al., 2020).

Dos 25 professores (22,94%) que informaram ter testado positivo para coronavírus, 16 (64%) fizeram consulta, a maioria (59,63%) dos entrevistados informaram ter plano de saúde, um fato que se mostra positivo, por favorecer acesso ao médico e outros profissionais de saúde e assim reduzir a automedicação. Entretanto, estudos como o de Matos JF, et al. (2018), revelam que a automedicação também está presente entre a maioria da população que possui plano de saúde privado. Isto pode estar relacionado a fatores econômicos, políticos e culturais, que contribuem para o crescimento e a difusão, tornando a automedicação um problema de saúde pública (COSTA CMFN, et al., 2017).

Um pouco mais de um terço dos professores afirmaram já ter feito uso de algum medicamento para tratar (58,82%) ou prevenir (32,35%) Covid-19. Os medicamentos mais citados foram Ivermectina (20,18%) e Azitromicina (19,27%), seguido de Paracetamol (10,09%), Prednisona (8,26%), Hidroxicloroquina (4,59%), entre outros.

Estudos realizados, neste período de pandemia sobre alguns desses medicamentos revelaram aumento no consumo pela população, a exemplo temos a Hidroxicloroquina/cloroquina mais citada em artigos sobre a automedicação, até por ter sido um dos medicamentos com grande divulgação na mídia como possível tratamento farmacológico e profilático para a Covid-19. No entanto, o uso destes medicamentos foi relacionado a alguns efeitos colaterais que variaram de leves a graves (SILVA AF, et al., 2021; DAVOODI L, et al., 2021). Assim, os achados desse estudo, corrobora com achados de outros que constataram aumento das vendas de vitaminas, suplementos, hidroxicloroquina e ivermectina (SILVA AF, et al., 2021; RUIZ JMG, et al., 2021; MELO JRR, et al., 2021).

Vale ressaltar que mesmo com experimentos comprovando que a ivermectina, possivelmente, não alcança níveis antivirais, houve um considerável aumento do consumo de ivermectina e azitromicina, (MOMEKOV G e MOMEKOVA D, 2020). Em se tratando da ivermectina, um medicamento indicado para alguns parasitos intestinais e ectoparasitos, apesar de bem tolerado pela via oral, requer precaução em pessoas de mais idade e com doenças crônicas. As evidências atuais que respaldam sua utilização são extremamente limitadas e seu uso indiscriminado está ligado a muitos casos de resistência microbiana, principalmente bacteriana e parasitária (SILVA AF, et al., 2021).

Uma revisão realizada por Souza LPM, et al. (2021) constatou que ainda não existe um antiviral específico para o tratamento da Covid-19, porém devido à ausência de comprovação científica referente a segurança e eficácia dos medicamentos, tem-se realizado o tratamento sintomático, conforme a evolução clínica, para evitar agravamento do quadro, enfatizando a importância de estudos que avaliem a eficácia das opções terapêuticas para combate ao SARS-CoV-2.

Há diversas terapias em estudo que requerem uma avaliação apropriada de segurança e efetividade. Vale ressaltar que a grande maioria das terapias não possui registro em bula para uso em Covid-19. Portanto, os tratamentos são baseados em evidências de infecções anteriores por Coronavírus e as informações são limitadas, pois o vírus sofreu mutações (SOUZA LPM, et al., 2021).

O compartilhamento de informações sobre tratamentos precoces e medicamento ditos como meios profiláticos contra a Covid-19, é visto com preocupação por sociedades brasileiras de saúde. Especialistas consideram que esse tipo de informação ao se propagar entre a população pode influenciar as pessoas a praticar automedicação, induzir alguns médicos a prescrever medicamento mesmo sem a comprovação científica e levar a falsa sensação de segurança àqueles que adotam determinados medicamentos de modo profilático. Portanto Melo JRR, et al. (2021) sugere a adoção de medidas regulatórias para impedir a disseminação de indicações para a Covid-19 sem eficácia terapêutica comprovada (RUIZ JMG, et al., 2021; MELO JRR, et al., 2021; SILVA CYAB, et al., 2020).

Portanto, considerando que os professores são agentes formadores de opinião, buscou-se investigar a percepção destes em relação a automedicação e nesse aspecto 95,41% responderam que compreendem o

termo “automedicação” e 3,67% já ouviram falar, evidenciando que não é um termo desconhecido entre os profissionais da área da educação. A maioria (88,07%) admitiu que faz ou já fez uso de algum medicamento por conta própria. Os principais motivos para a prática da automedicação descritos pelos professores, destacaram-se os sintomas muito simples (10,09%), a necessidade de uma melhora imediata (7,34%), a dificuldade de marcar consulta (3,67%) e a praticidade de comprar na farmácia (2,75%). Resultados semelhantes foram encontrados por Matos JF, et al. (2018) em estudo realizado com alunos e servidores de uma escola pública profissionalizante em Ribeirão Preto.

Estudos destacaram alguns fatores que favorecem a prática da automedicação, entre eles as facilidades de informações veiculadas na internet e outros tipos de propagandas, a insatisfação com o atendimento em postos de saúde e hospitais; a falta de acessibilidade aos serviços básicos de saúde; a necessidade de manter abastecida, suas “farmacinhas” em casa, acreditando que os medicamentos solucionam tudo (ARRAIS PSD, et al., 2016; MATOS JF, et al., 2018; TOGNOLI TA, et al., 2019; FERNANDES FR, et al., 2020).

As razões para a automedicação são inúmeras, não possuindo apenas uma, além das já citadas, pode se atribuir também a tentativa de resolver os problemas de saúde corriqueiros, a opinião de algum conhecido mais próximo, e até mesmo a pandemia causada pelo novo coronavírus, que levou a população a se automedicar com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas como: febre, tosse, coriza, dores musculares, dores de cabeça e dores de garganta, que se assemelham aos causados pela doença Covid-19 (SILVA AF, et al., 2021).

De acordo com a **Tabela 3**, as principais condições clínicas que levaram a essa prática pelos professores, foram o uso de medicamentos para dores em geral (68,81%); gripes/alergias (58,72%); diarreia (43,12%); azia, distúrbios gastrointestinais ou gases (41,28%).

Tabela 3 - Fatores que influenciaram a automedicação pelos professores.

Variável	n	%
Dores no geral	75	68,81
Gripe/alergias	64	58,72
Diarreia	47	43,12
Azia/distúrbios gastrointestinais	45	41,28
Tosse	43	39,45
Insônia	9	8,26
Problemas nos olhos/ouvidos	7	6,42

Fonte: Alves DKB, et al., 2022.

Os dados encontrados desse estudo, corrobora com os achados de outros, que constataram o uso de analgésicos, anti-inflamatórios e antigripais, como as classes de medicamentos mais utilizados (ARRAIS PSD, et al., 2016; MATOS JF, et al., 2018; FERNANDES FR, et al., 2020). Atribui-se a isto, o fato de serem medicamentos de fácil acesso e livre de prescrição, mas também por serem mais utilizados e consumidos comercialmente pela população em geral para tratar sintomas leves e corriqueiros.

No entanto, a maioria das pessoas desconhece os efeitos colaterais provocados pelos medicamentos e não procuram obter informações com profissional de saúde (SILVA AF, et al., 2021). Salientando o fato que seu uso inadequado, isto é, usá-lo por indicação própria, na dose que lhe convém e na hora que acha conveniente, pode trazer consequências a saúde (HERNANDEZ KL e NETO WSA, 2017). Além da prescrição médica, a orientação farmacêutica é de grande relevância e já está bem disseminada. É tanto que, no presente estudo, quando os participantes foram questionados se já pediram ajuda ao farmacêutico, durante a compra de algum dos medicamentos, comumente usados por eles, 88,07% afirmaram que sim, enquanto o restante afirmou que não.

Evidencia-se que a automedicação é um hábito no Brasil, sendo preocupante em qualquer época, mas que por conta do pânico instalado pelo isolamento social e pela veiculação de notícias infelizes acentuou-se significativamente (SILVA CYAB, et al., 2020). Conforme evidenciou-se nesse estudo, que na opinião dos

professores entrevistados 66,97% disseram que as informações transmitidas pela mídia (TV, Redes sociais etc.), neste período de pandemia contribuíram para o uso de medicamentos.

O isolamento social como medida de prevenção a Covid-19, a internet e as mídias sociais tornaram-se a ferramenta mais utilizada atualmente para divulgação sobre informações do novo vírus. Fernandes FR, et al. (2020) reconhece que se por um lado a internet contribui para a difusão de informações relevantes no que se refere ao estado de saúde, por outro representa um fator de risco por favorecer a automedicação e recomenda a utilização dessa ferramenta com cautela e de forma segura, com vistas a prevenção de problemas de saúde e agravos.

A promoção da saúde em conjunto com a educação escolar são duas ferramentas potenciais que pode estabelecer uma nova cultura no âmbito da educação nas escolas, seja ela de forma integrada, transversal e intersetorial. Proporciona, ainda, uma relação de diálogo entre os serviços de saúde, a comunidade e a sociedade em geral, através da propagação de conhecimentos. Nesse sentido, a valorização da relação professor/escola/profissional de saúde é importante, como também, estabelecer vínculos que possam atender às necessidades e demandas da comunidade. Além da escola poder criar seus próprios projetos de promoção da saúde e uso racional de medicamentos (JÚNIOR NMC e SILVA JRS, 2017).

É essencial que se valorize a saúde do professor e ao mesmo tempo se reconheça a educação como primordial ao desenvolvimento da sociedade e nação. Portanto, é imprescindível conhecer suas condições de saúde, especialmente quanto as doenças crônicas, as quais são apontadas como as principais causas de adoecimento, faltas e afastamento do trabalho (SILVA NSS, et al., 2017).

O presente estudo, por ter sido realizado durante a pandemia da Covid-19, inviabilizou a realização das entrevistas presenciais, dificultando, inclusive a captação dos professores para responder ao questionário. Essa foi a principal limitação do estudo, pois houve redução no tamanho da amostra e dificultou o esclarecimento de algumas questões, possibilitando um viés de interpretação. Para minimizar esse problema as pesquisadoras se disponibilizaram a esclarecer alguma dúvida, pelo *WhatsApp* e o questionário foi pré-testado pela equipe de pesquisadores e adaptado para ficar o mais didático possível.

Os profissionais da educação são promotores de conhecimento e agentes de transformação, então, suas atitudes, inclusive no que se refere a automedicação, podem influenciar os seus estudantes. Portanto, esse estudo é relevante por abordar um tema de grande importância na saúde pública, abordando o conhecimento como prevenção e promoção da saúde.

CONCLUSÃO

Evidenciou-se que diante do temor de ser acometido pela Covid-19, os professores, foram influenciados, por vários fatores, entre estes, a mídia, ao utilizarem diversos medicamentos com finalidade terapêutica ou profilática, especialmente a ivermectina e a azitromicina. Dessa forma, o farmacêutico assim como outros profissionais da saúde apresenta um papel relevante na orientação para o uso racional dos medicamentos, como também para esclarecer eventuais dúvidas e realizar ações educativas que abordem sobre os riscos da automedicação. Recomenda-se a realização de outros estudos para análise da automedicação, durante a pandemia e suas consequências para saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento e contribuíram, de alguma forma, para a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

1. ARRAIS PSD, et al. Prevalência da Automedicação no Brasil e Fatores Associados. *Revista de Saúde Pública*, 2016; 50(2): 13.
2. BRASIL. Guia de vigilância epidemiológica: emergência de saúde pública de importância nacional pela doença pelo coronavírus 2019 – covid-19. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

3. CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Levantamento mostra como o medo da Covid-19 impactou venda de medicamentos. 2020. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5747>. Acessado em: 20 de julho de 2021.
4. COSTA CMFN, et al. Utilização de medicamento pelos usuários da atenção primária do Sistema Único de Saúde. RSP, Revista de Saúde Pública, 2017; 51 (2):18.
5. DAVOODI L, et al. Hydroxychloroquine-induced Stevens–Johnson syndrome in Covid-19: a rare case report. Oxford Medical Case Reports, 2020; 6: 193–195.
6. DELFINO NH, et al. Utilização de medicamentos e a prática de automedicação por professores do ensino médio de escolas públicas de Tubarão/SC. Revista da AMRIGS, 2018; 62 (2): 130-134.
7. FERNANDES FR, et al. Automedicação: a prática entre discentes do curso de biomedicina de uma instituição de ensino superior do interior do Tocantins. Revista Amazônia Science & Health, 2020; 8 (3): 20-35.
8. HERMES FS, et al. Análise de tratamentos profilático para a Covid-19: uma revisão integrativa. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2021; 13(5): e7167.
9. HERNANDEZ KL, NETO WSA. Avaliação da automedicação na população da UBS Francisco Maiarino Maia, município Miguel Alves. Acervo de Recursos Educacionais em Saúde, 2019.
10. JÚNIOR NMC, SILVA JRS. Visibilidade da Escola na Discussão Sobre o Uso Racional de Medicamentos. Revista Contexto & Educação, 2017; 32(102): 145-169.
11. MATOS JF, et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. Cad. Saúde Colet., 2018; 26(1): 76-83.
12. MELO JRR, et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia de Covid19. CARTA. Cad. Saúde Pública, 2021; 37(4).
13. MOMEKOV G, MOMEKOVA D. Ivermectin as a potential Covid-19 treatment from the pharmacokinetic point of view: antiviral levels are not likely attainable with known dosing regimens. Biotechnology & Biotechnological Equipment, 2020; 34(1): 469-474.
14. NEGRI F, et al. 2020. In: IPEA Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Ciência e Tecnologia frente à pandemia. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/182-corona>. Acessado em: 2 de agosto de 2022.
15. PAIVA AM, et al. Efeito das “promessas terapêuticas” sobre os preços de medicamentos em tempos de pandemia. Revista de Saúde e Ciências Biológicas, 2020; 8(1): 1-5.
16. RUIZ JMG, et al. A influência midiática para automedicação do novo coronavírus: revisão literária. Research, Society and Development, 2021; 10(13): e53101321015.
17. SILVA AF, et al. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 2021; 7(4).
18. SILVA ALO, et al. Covid19 e tabagismo: uma relação de risco. CSP, Caderno de Saúde Pública, 2020; 36(5): e00072020.
19. SILVA CYAB, et al. Automedicação durante a pandemia da Covid-19. Rev. E-ciência, 2020; 8(2): 1-2.
20. SILVA FM, et al. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. Revista Eletrônica de Enfermagem, 2014; 16(3): 644-51.
21. SILVA NSS, et al. Morbidade autorreferida entre professores da educação básica da rede pública de ensino. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2017; 6: S425-S431.
22. SOUZA AF, et al. Covid-19: Automedicação de indivíduos psicologicamente afetados. Brazilian Journal of Development, 2021; 7(1).
23. SOUZA LPM, et al. Terapias medicamentosas propostas no manejo da Covid-19. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2021; 13(4).
24. TOGNOLI TA, et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. Revista de Saúde e Ciências Biológicas, 2019; 7(4): 382-386.
25. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Coronavirus Disease 2019 (Covid-19): Situation Report-38. 2020. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1. Acessado em: 2 de agosto de 2022.
26. XAVIER F, et al. Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19. Estudos Avançados, 2020; 34(99).